

CARTA TEMPO E ETERNIDADE

de Pe. Marcial Maciel, LC

Aos Membros do Movimento Regnum Christi

© Copyright Legionários de Cristo

Tempo e Eternidade

Roma, 10 de março de 1993

Ao movimento Regnum Christi

Muito estimados em Jesus Cristo:

Neste dia tão significativo para mim, em que Deus Nosso Senhor me concede a graça de celebrar com alegria setenta e três anos de vida, dirijo-me a todos vocês, membros do Movimento Regnum Christi, antes de tudo, para expressar a minha profunda e sincera gratidão pelas numerosas felicitações e ramalhetes que me ofereceram nesta data.

Escrevo-lhes também com o propósito de fazer com vocês algumas reflexões em torno de um tema que tem sido objeto contínuo de meditação, durante toda a minha vida e, especialmente, nesta celebração anual, que me permite agradecer a Deus Nosso Senhor o inestimável dom da existência. Refiro-me à consideração do valor que o tempo tem em relação com a eternidade. O que me move a escrever estas linhas é o desejo de fazê-los participar das luzes que o Espírito Santo me concedeu, a propósito desta realidade imediatamente perceptível, que é a condição da temporalidade do homem. A mim, essas luzes têm iluminado tanto, que posso lhes dizer que constituem um dos princípios regentes de toda a minha vida, e que me moveram a 'gastar-me e desgastar-me' nesta vida, tendo sempre diante dos olhos a eternidade que me aguarda.

É com muito prazer que eu lhes ofereço estas reflexões, com o desejo de que elas também possam ajudá-los a aproveitar melhor o tempo da sua vida, para a sua própria realização pessoal e pelo bem da extensão do Reino de Jesus Cristo. Ofereço-as com prazer, neste momento de minha vida, quando a maior parte do meu tempo já ficou para trás. Quem sabe a experiência que eu tenho podido reunir em setenta e três anos possa lhes ser de alguma utilidade.

Desde que eu era adolescente, Deus Nosso Senhor me concedeu a graça de perceber, com nitidez e profundidade, esta realidade que toca intimamente a existência de todos os seres humanos: a vida é um breve lapso, apenas um piscar de olhos, comparada com a eternidade, que nos espera depois desta passagem fugaz pelo tempo.

Lembro-me que eu gostava de subir, pelas tardes, a um dos morros que ficavam ao redor de Cotija, minha cidade natal, e dali, conversando com Deus, contemplava lá embaixo, ao pé da colina, o cemitério, com os seus túmulos adornados de flores; mais adiante, na planície, os telhados vermelhos das casas e, como que fincado em meio a eles, o campanário, com a cúpula da igreja paroquial. Perguntava-me com as palavras simples que pode haver na cabeça de um menino do campo de 13, 14 anos, o que é esta vida, se, afinal de contas, todos vamos acabar num túmulo. Nesse cemitério, jaziam os habitantes da Cotija de outros tempos. Somente uns poucos ainda arrancavam lágrimas da viúva, ou de um órfão prematuro. Outros, os restantes, abandonados em completo esquecimento. Uns viveram na opulência: grandes latifundiários ou hábeis comerciantes. Outros, na angústia de uma miséria nunca vencida. Uns e outros já tinham acabado a sua existência. Para que tinham servido àqueles as suas riquezas? E que sentido teve a vida pobre e aflita destes?

E depois, pensava nos outros, nos vivos, aqueles que transitavam pelas ruas e pela praça principal, nos sítios e nas fazendas vizinhas; os que eu conhecia e via todos os dias. E pensava também nos milhões de homens que, em outros povoados, em outras cidades, em outros continentes, por trás dos morros limítrofes, gastavam a vida em mil afazeres, cada qual absorto nas suas preocupações, desenrolando o fio indecifrável com que se tece a trama diária da existência

humana. E pensava que todos eles andariam por estas terras alguns anos, 20, 40, 80, talvez mais de um século; e no final, o mistério do nada, que parece engolir os que se vão. O que é que permanece, afinal, ao longo da vida, se até a recordação dos mais velhos se dilui na névoa da memória?

Anos depois, ao lembrar aquelas tardes solitárias de oração no alto da colina, fico surpreso de que naquela tenra idade pudesse me propor tão seriamente as questões medulares da vida. E descobri que, sem dúvida alguma, era Deus quem inspirava e dirigia as minhas reflexões, querendo preparar o meu ânimo para a grande tarefa que iria me encomendar. Eram as reflexões que atravessam de ponta a ponta a história da humanidade; as interrogações que cada geração tem que enfrentar; os enigmas que têm de ser resolvidos por todos os homens que não se resignam a um simples vegetar pelo mundo, e que procuram se dar alguma transcendência. 'Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!', pregava Qohelet. 'De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?', perguntava Jesus Cristo aos seus ouvintes.

Eu me dava conta de que podia escolher entre dois caminhos. Um, o caminho fácil do 'ir levando' a vida, sem maiores preocupações: conseguir uma boa fonte de recursos para a família; procurar ganhar um bom dinheirinho; evitar do melhor modo possível os desgostos da vida, e gozar ao máximo dos poucos anos que tinha pela frente.

O outro caminho se mostrava mais árduo. Consistia em construir a vida, minuto a minuto, olhando em direção à eternidade. Encarar cada instante do meu tempo, como uma oportunidade que Deus me concedia para fazer algo por Ele e pelo bem dos meus irmãos. 'Investir', por assim dizer, cada segundo em algo construtivo, em algo que servisse para os outros, e me assegurasse, além disso, a vida eterna.

A opção era clara. E assim, sobre aquela colina, ao abrigo do crepúsculo aceso, ia amadurecendo no meu interior, tarde após tarde, a idéia e o propósito de que teria de gastar a minha vida inteira por algo que realmente valesse a pena; por algo que não fosse terminar quando os outros sepultassem o meu cadáver; por algo que deixasse uma marca profunda na história e no mundo; numa palavra, por algo que eu pudesse levar comigo à eternidade.

Foi nesse clima interior que se depositou, como num terreno adubado, primeiro, o chamado de Deus à vida sacerdotal, e depois, a empreender a fundação da Legião e do Regnum Christi. Quando esse chamado se revelou, compreendi com clareza qual era o caminho que deveria percorrer, para preencher os anos de vida que o Senhor quisesse me conceder. Compreendi que o tempo de minha vida, na verdade, não me pertencia; Deus me chamava para colaborar no seu plano de salvação; o importante, então, não era a 'minha' vida, nem a 'minha' realização, mas a realização do plano de Deus, do qual eu não era mais do que um elo.

Ao mesmo tempo, pude compreender que o mais importante não era a quantidade de tempo que tinha à disposição. Além do mais, a ninguém é dado sabê-lo de antemão. Entramos na vida num ponto determinado, mas, uma vez que empreendemos o caminho, a incógnita do ponto final nos acompanha sempre, e só se elucida quando ele chega. No entanto, mesmo que não importasse a quantidade de tempo que eu teria, uma coisa era certa: fosse qual fosse a duração da minha vida, em todo caso sempre acabaria sendo curta, muito curta, apenas um ponto em meio à eternidade; por mais que eu pudesse viver, as necessidades da Igreja e dos homens continuariam sendo imensas, diria até, inesgotáveis. Portanto, o importante e o urgente é aproveitar com avareza, do modo mais inteligente e produtivo, o tempo presente, cada momento presente.

Aquelas tardes de meditação na minha adolescência, sobre uma colina ao sul de minha Cotija natal, ensinaram-me também que as criaturas são meios que Deus me dá para me unir a Ele e louvá-lo, através delas, ao longo da peregrinação temporal. Pude desfrutar intensamente a harmonia da criação em todas as manifestações da sua beleza: o despertar de cada nova aurora, o canto dos passarinhos, o murmúrio de um riacho, a grandeza imponente das montanhas, o colorido vivo dos prados na primavera, a brisa serena e fresca nas tardes de outono, o céu nas noites estreladas, toda a formosura que a natureza oferecia me serviu de caminho para chegar a Deus. E, no campo das relações humanas, pude apreciar o valor da amizade sincera, a beleza das almas agradecidas, até mesmo o afeto que muitas pessoas me dispensaram. E acima de tudo isso, prevaleceu, de maneira absoluta e contundente, o meu enraizamento total e exclusivo em Deus, a rocha inamovível, eterna, que sustenta todas as minhas certezas, meus anseios, minha segurança; em Deus, o único amor que pôde roubar o meu coração; em Deus, origem e meta única do meu destino temporal e eterno.

Despertei, então, para a vida, ao sair da minha infância, e me vi num caminho quase todo ainda por percorrer. Lá no horizonte estava a meta, muito clara: entregar-me ao amor de Jesus Cristo, pregar e estender o seu Reino entre os homens. Os meios também estavam aí, ainda que eu tivesse que lutar para consegui-los e para dirigi-los ao objetivo. E o quadro em que eu me moveria: um tempo determinado, de duração desconhecida; o tempo de vida que Ele estabeleceu para me dar. Empreendi a marcha e apertei o passo. Cada segundo aproveitado me aproximava mais da meta. Cada segundo desperdiçado me retinha, afastado. Com esta consciência, quis marcar a minha vida, desde o início, com o carimbo da luta sem trégua nem descanso. Tendo experimentado o amor infinito e misericordioso de Deus para comigo, sempre considerei uma grave injustiça, e uma falta contra o amor, o fato de perder um só instante do tempo de que dispunha para fazer algo por Ele. Minha luta pelo Reino nunca se igualará em resultados à amplitude dos meus desejos; e isto me arrasta, com os grilhões do amor, a me doar sem pausa nem medida, sem fadigas nem frouxidões na obtenção do máximo rendimento, no menor tempo possível.

Naturalmente, seria de uma presunção imperdoável pretender arrogar-me o mérito de tudo o que foi possível fazer até agora. Em todos e em cada um dos passos dados, resplandece de maneira clara a mão de Deus Nosso Senhor. Bastaria fazer uma revisão superficial em nossa história de meio século, para constatar a presença contínua e régia Daquele que suscitou a Legião e o Regnum Christi na Igreja. Evidentemente, nem a Legião nem o Movimento são fruto da invenção humana; e qualquer um pode comprovar a desproporção que há, entre o instrumento que Deus usou, e o resultado que tem obtido. Assim como, ao contemplar uma obra de arte, não ocorre a ninguém louvar a qualidade do pincel, mas sim a do artista, que soube utilizá-lo com destreza, ao contemplarmos a Legião de Cristo e o Movimento Regnum Christi, temos que louvar o seu verdadeiro e único autor: Deus.

O que eu pretendo fazê-los compreender é que, embora Deus aja como queira, quando queira, e com os instrumentos que queira, ordinariamente Ele se utiliza da colaboração livre e responsável dos homens para realizar os seus desígnios. E, mesmo que o homem seja um ser tão limitado em suas possibilidades, pode conseguir coisas verdadeiramente inimagináveis, quando vive e trabalha por Deus e unido a Ele. Esta foi e tem sido a minha experiência pessoal. Eu a comunico a vocês, com o intuito de poder ajudá-los a constatar que, talvez, não tenham ainda aproveitado cem por cento a sua vida, e que, no entanto, unidos a Deus Nosso Senhor, podem fazer em suas vidas muitíssimo mais do que calculam e imaginam.

Queridos membros do Regnum Christi, convido-os a pararem um momento para considerar o que é que estão fazendo com as suas vidas; para analisar se, nos anos vividos, satisfizeram as expectativas que Deus colocou em vocês; para se perguntar sinceramente, fixando o olhar na eternidade que se aproxima, o que querem fazer com a porção de vida que ainda têm pela frente.

Pensem que vocês, como homens e mulheres do Reino, receberam dons muito grandes de Deus: a existência, o batismo, a fé, o conhecimento de Jesus Cristo, e muitíssimos outros; e que Ele os chamou à realização de uma missão muito importante dentro do Regnum Christi, neste brevíssimo lapso que transcorre entre o seu nascimento e a hora em que terão de partir para a eternidade. A vida de vocês é uma peregrinação, uma passagem fugaz pelo mundo. Em meio e através de suas ocupações cotidianas, em meio e através da necessária luta diária para construir a sua existência terrena, o que é que estão fazendo para ganhar a sua vida eterna?

Todos vocês já devem ter lido e conhecem muito bem a chamada 'Parábola dos Talentos', que São Mateus nos apresenta no capítulo 25 do seu Evangelho. A parábola nos mostra que cada homem, ao entrar na vida, recebe de Deus uma certa quantidade de 'talentos'. O talento, entre os antigos, era uma moeda imaginária que representava uma soma notável de dinheiro. Cristo usa essa imagem para explicar que a tarefa primordial da vida é 'investir' esse dinheiro, fazê-lo produzir e entregar ao Criador os lucros, no dia da nossa entrada na eternidade. A postura de Deus no dia do juízo, tal como aparece na parábola, vem a ser bastante reveladora das expectativas que Ele põe em nós. Aos homens que souberam duplicar o capital, o Senhor recompensou-os amplamente. Mas houve um que teve medo, que não quis correr riscos; ao invés de investir o seu dinheiro, foi e o escondeu; no dia das contas, restituiu o dinheiro recebido. Este foi castigado pela sua negligência. Não porque tivesse perdido o capital; a sua culpa foi a de não tê-lo feito produzir.

Muitos comentaristas do Evangelho concordam em afirmar que esses 'talentos' são todos os dons que Deus nos dá nesta vida: as próprias qualidades e inclinações naturais, os bens materiais, os bens espirituais, etc., etc. Para mim, a meditação desta parábola sempre sugeriu que um dos principais 'talentos' que Deus nos confia é precisamente o tempo. E é algo que me chama fortemente a atenção o fato de pouquíssimas pessoas se darem conta de que realmente é assim. É dada muitíssima importância a questão de saber desenvolver a própria inteligência, as habilidades artísticas ou desportivas, a saber colocar a serviço dos outros os bens que se possui, etc., etc. No entanto, não se dá a mesma importância, ou até mais, a questão de como empregar ávidamente o tempo de que dispomos. Mas, estou convencido de que, no dia em que nos apresentarmos ao Senhor, um dos primeiros pontos da nossa prestação de contas deverá ser este: qual foi o uso que fiz do tempo que tive nas mãos; quanto proveito tirei; quais foram os lucros, os juros que obtive para Deus no investimento do meu tempo. Neste dia, não seremos censurados por ter perdido, talvez, a oportunidade de ganhar um milhão de dólares, mas por ter perdido um minuto.

Parece-me algo terrível que um homem possa se apresentar diante de Deus e lhe oferecer, como fruto de 80 anos de vida, o que poderia ter realizado em apenas 20 ou 40 anos. Que explicação poderá dar? O que fez com os anos restantes? Passar pela vida como as nuvens passam pelo céu num dia de vendaval; ou, o que seria pior, vegetar e vagar, buscando somente satisfazer os próprios desejos. Isto eu considero muito grave, principalmente num cristão que, em razão do Batismo, tem o sério compromisso de colaborar com a edificação e difusão do Reino de Jesus Cristo na terra. Por isso, recomendo que todas as vezes que se aproximarem do Sacramento da Reconciliação, examinem este ponto em sua consciência, e peçam perdão a Deus se perceberem que, por preguiça, negligência ou outra causa culpável, desperdiçaram uma parte do seu tempo.

A parábola dos talentos nos revela também que a ligação, entre esta vida e a futura, não é só a que existe entre o caminho e o cume para o qual ele conduz. O fato de a vida terrena desembocar na eternidade é algo que se percebe de imediato, quase intuitivamente, pelo menos para aqueles que não se deixam ofuscar por ideologias de tipo imanentista-materialista. Mas, além disso, há uma proporção entre o modo como administramos a vida presente e a felicidade ou infelicidade de nossa vida futura. Mais ainda, o 'gráu' de felicidade que se obtém na eternidade estará em

proporção com o modo com o qual tivermos nos portado neste mundo. E isto significa que é da maneira pela qual usamos o nosso tempo que dependerá a retribuição que teremos na outra vida.

Sem dúvida, este é um mistério grande demais para se abarcar com a nossa curta mente humana. Mas é esta a revelação de Jesus Cristo, e seria uma ingenuidade e uma incoerência comportarmos-nos como se Ele não nos tivesse advertido. Já São Paulo teve que enfrentar esta tentação do racionalismo humano, quando advertia aos cristãos da Galácia: 'Não vos enganéis: de Deus não se zomba. Na realidade, aquilo que o homem semear, isto também colherá. Aquele que semeia na carne, da carne colherá a corrupção; mas quem semeia no Espírito, colherá no Espírito a vida eterna. Não nos cansemos, pois, de fazer o bem, porque a seu tempo colheremos, se não desfalecermos.' (Gal 6,7-9).

Mas não eram só palavras de advertência. Era, sobretudo, um incitamento a levar uma vida digna, animando-os com a esperança da 'colheita' que haveriam de receber. Esta vida, portanto, é o tempo - o único tempo - para lutar e forjar o próprio destino eterno. Para mim, quem triunfa na vida é aquele que sabe empregar os poucos anos que lhe são dados para assimilar, com a máxima profundidade e perfeição possível, os ensinamentos de Jesus Cristo no Evangelho. Aquele que sabe se entregar ao conhecimento e ao amor de Cristo com ardor, renunciando aos seus caprichos e paixões egoístas e sensíveis. Aquele que descobre claramente qual é a missão que lhe compete realizar neste mundo, e consagra a ela as suas energias, suas faculdades, sua pessoa, seu ser inteiro, afastando de si, com uma opção lúcida e responsável, tudo o que o atrapalha ou atrasa a conquista do seu objetivo fundamental.

Uma vida assim só se torna possível, quando é sustentada por uma fé profunda e por uma esperança viva e inquebrantável em Deus Nosso Senhor. Essa fé e essa esperança farão com que coloquem somente a Deus no vértice dos seus anseios, de suas expectativas, de sua segurança, transcendendo a beleza, real e gratificante, mas passageira e caduca, das coisas daqui. 'E agora, Senhor, o que posso esperar?', dizia o salmista. E acrescentava, com um íntimo regozijo: 'Tu és a minha esperança' (Sal 29,8). Só Deus, meus queridos membros do Regnum Christi, é o fim de suas vidas. Ele é a origem e a meta da sua peregrinação temporal. 'Nele nos movemos, existimos e somos' (At 17, 28). Para Ele nascemos. 'Fizeste-nos, Senhor, para Ti, e inquieto está nosso coração até repousar em Ti' (Sto. Agostinho). Nada nem ninguém, fora de Deus, poderá satisfazer plenamente as suas ânsias de felicidade. Não há, portanto, maior tormento para o homem, do que se ver arrancado do seu Criador; e um testemunho disso é a própria consciência, quando acusa uma ofensa grave contra a lei de Deus.

São Paulo, que pisava a terra com firmeza e realismo, mas que tinha o coração ancorado na eternidade, sentia como que uma divisão interior: queria viver mais tempo, para continuar pregando o nome de Jesus Cristo, mas também era consumido pelo anseio de partir deste mundo. Expressava isso com uma linguagem de louco. E de santo: 'Para mim, a vida é Cristo, e a morte, um lucro' (Flp 1,21). E em outro lugar: 'Sabemos que se esta tenda, que é nossa morada terrestre, desmoronar, teremos um edifício que é de Deus e que está nos céus: uma morada eterna feita não por mãos humanas. E assim, lamentamos este estado, desejando ardentemente revestir-nos de nossa habitação celeste, se é que nos encontramos vestidos e não nus. Sim! Nós, que estamos nesta tenda, nos lamentamos, oprimidos. Não é que queiramos ser despojados de nossas vestes, mas revestir a outra por cima desta, para que o que é mortal seja absorvido pela vida... Estamos, pois, cheios de bom ânimo, e preferimos sair deste corpo para viver com o Senhor' (2Cor 5,1-8.8).

Não resta dúvida de que frases assim quase beiram a insanidade. Mas teríamos de perguntar quem é o verdadeiro louco; se Paulo, tão limpidamente coerente com a verdade, ou aqueles que o julgam assim, porque no fundo vivem presos - melhor diria, acorrentados - a uma existência cheia de vaidade, de névoa, e de engano.

Parece-me incrível que alguns que afirmam ter fé e crer na vida eterna (ao menos é o que repetem na profissão de fé da missa dominical: 'Creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna'), constroem o seu estilo de vida como se, na realidade, a sua esperança se esgotasse no tempo presente. E, não obstante, se vocês procurarem entre todas as coisas que os rodeiam, não encontrarão nada que seja duradouro, nada que possa dar uma segurança profunda e imperturbável: o dinheiro, a fama, a ciência, o poder, suas diversões e entretenimentos, suas amizades, suas carreiras, sua posição social, até mesmo a sua própria família. Todas as realidades deste mundo, desvinculadas de sua relação com o Criador, só podem oferecer satisfações passageiras e superficiais. Afinal de contas, todas elas são criaturas, finitas, limitadas e temporais. Como é que alguns gastam o seu tempo tão obsessivamente preocupados somente em acumular riquezas, em buscar avidamente o prestígio e o poder, em se entregar à satisfação de todos os prazeres que encontram?

Tudo isso me parece, pelo menos, infantil e imaturo. É como se um alpinista, desejando alcançar o cume do Everest passasse a vida toda reunindo apetrechos, utensílios e mantimentos, e se encarregasse de possuir o melhor 'piolet', mas nunca empreendesse a subida até o cume.

Vocês, que aceitaram viver e fazer viver um cristianismo integral, precisam colocar o seu coração em Deus, 'aspirar as coisas do alto', sabendo relativizar de modo justo as coisas daqui debaixo. 'Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração' (Mt 6,21), dizia o Senhor. E a seguir, convidava os seus ouvintes a se preocuparem em juntar tesouros no céu, não na terra, confiando na providência amorosíssima de Deus Pai, que dá o alimento às aves do céu e veste os lírios do campo.

Só o homem de fé, o homem de esperança, que vive intensamente a sua vida terrena, mas com a alma profundamente incrustada no céu, pode compreender aqueles paradoxos do Evangelho: 'Quem quiser salvar a sua

própria vida, perdê-la-á, e quem a perder por mim e pelo Evangelho, a salvará' (Mt 10,39), e 'de que serve ao homem ganhar o mundo todo, se vier a perder a sua alma?'; ou 'o que poderá dar o homem em troca de sua alma?' (Mt 16,26). É preciso ter uma audácia e uma ousadia singular, para levar a sério, com toda a radicalidade, estas palavras de Jesus Cristo. Mas não esqueçam, todos vocês, homens e mulheres, jovens e adultos do Regnum Christi, que vocês foram escolhidos por Deus para dar o seu testemunho vivo da verdade desta mensagem, diante dos demais homens.

Isso não significa, por outro lado, alimentar um desprezo irracional pelas realidades deste mundo. As criaturas de Deus encerram uma bondade em si mesmas. Diz a Sagrada Escritura, no relato da criação, que, quando Deus terminou de fazer o mundo, 'viu o que tinha feito, e que tudo era muito bom'. Essa acusação que costumam lançar sobre os cristãos, de serem pessoas despreocupadas dos acontecimentos humanos, e de viverem alienados num mundo extraterreno, é totalmente falsa.

Talvez tenha havido um tempo em que alguns cristãos creram de boa fé que essa devia ser a atitude autêntica do discípulo de Jesus Cristo. São Paulo teve que repreender alguns membros da comunidade de Tessalônica, porque, com o pretexto de que o tempo é curto, se entregavam à ociosidade, deixando aos pagãos as incumbências da construção da sociedade civil. Mas não. O cristão não despreza as coisas deste mundo, nem se despreocupa com os afazeres temporais. Aos cristãos de uma outra comunidade, a de Corinto, o mesmo São Paulo explica muito bem qual é a atitude que devem assumir diante da vida temporal presente, e diante de todas as coisas que ela compreende, inclusive as mais justas e santas:

'Mas eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. Importa que os que têm mulher, vivam como se não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque a figura deste mundo passa.' (1Cor 7, 29-31).

A ninguém proíbe de ter mulher, nem de chorar, nem de rir, nem de comprar, nem de usufruir. O que pretende ensinar é como se comportar diante destas realidades. Aí é que está o segredo. Enquanto transcorrer a sua existência nesta vida, vocês não podem deixar de viver o seu matrimônio, sofrer com as coisas tristes, alegrar-se com as alegres, conquistar bens necessários para o sustento, adquirir um legítimo patrimônio familiar, desfrutar sadiamente dos dons do Criador, colaborar na edificação da sociedade, de acordo com as exigências da justiça e do amor cristão. Mas tudo isso como se não o tivessem, como se não o fizessem. Isto é, sem fazer de tudo isto um fim, mas somente um meio para chegar ao fim, que é a posse de Deus na eternidade. Que o alpinista reúna o instrumental necessário, claro que sim, mas que escale o cume; e não que pense em renunciar à satisfação do topo conquistado, em troca do gosto pueril de estrear um equipamento novo de montanha. É verdade que, às vezes, alguns dão a impressão de ser maus alpinistas e piores negociantes. Gastam todos os anos da sua vida em ganhar mais e mais dinheiro, só para continuarem enchendo os seus baús. Que enorme insensatez! O que é que vão levar consigo para a outra vida? E o patrimônio que deixam, para quem ou para que irá servir? Para romper relações e destruir famílias. 'O homem passa como pura sombra; são um sopro as riquezas que amontoa, sem saber quem as recolherá...' (Sal 38,7).

Que diferença tem a atitude nobre e generosa daqueles que, tendo sido favorecidos por Deus com abundância de bens materiais, mantêm o coração desapegado, e sabem empregá-los com um reto sentido de justiça e de caridade cristã! Possuem um capital, 'como se não o tivessem', isto é, colocam-no a serviço dos outros. Investem-no inteligentemente, abrem frentes de trabalho, procuram produzir para o bem comum. Em suma, por meio de suas posses, ambicionam 'ser', e não 'ter'. Convido-os a ler, para aprofundar este ponto, o que o Santo Padre escreve no capítulo quarto de sua Encíclica Centesimus Annus, onde desenvolve o tema da 'propriedade privada e o destino universal dos bens'.

Comentava a pouco que o desejo da eternidade, e o conseqüente desapego deste mundo, não levam o cristão a uma postura de indiferença diante das vicissitudes humanas. O Concílio Vaticano II expressou muito bem isto na Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Falando precisamente da atividade humana no mundo, explica no nº 34 como o homem é chamado a prolongar, através do seu trabalho e de suas ocupações ordinárias, a ação criadora de Deus no mundo (conceito que o Papa João Paulo II desenvolve na encíclica Laborem Exercens). E conclui o número com estas palavras: 'A mensagem cristã não afasta os homens da edificação do mundo, nem os leva à despreocupação do bem alheio, antes, pelo contrário, diz-lhes como devem fazê-lo'.

Eu gostaria que todos os membros do Regnum Christi tivessem muito clara a idéia de que a sua condição de cristãos exige-lhes, por um lado, pôr a sua confiança, a sua segurança, exclusivamente em Deus; mas por outro, comprometer-se de corpo e alma a aplicar o seu tempo e a sua atividade profissional na construção de um mundo ordenado, não só no seu segmento religioso, mas também no político, cultural, econômico e social, segundo os princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Em outras palavras, os membros do Movimento deverão almejar, também através das suas próprias ocupações, a construção da civilização da justiça e do amor.

Fique claro que não se trata de um retorno à velha cristandade, com as lamentáveis confusões entre o foro religioso e o político-civil. No entanto, é imperioso que o Evangelho penetre e anime todos os campos da sociedade e da cultura. E na realização desta tarefa, vocês, homens e mulheres do Reino, devem ser protagonistas de primeira ordem. Aqui é que começa o seu compromisso de trabalhar pela instauração do Reino de Cristo, conforme o ensinamento do Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática Lumen Gentium: 'Compete aos leigos, por própria vocação, procurar obter o Reino de Deus gerindo os assuntos temporais e ordenando-os de acordo com Deus. Vivem no século, quer dizer, em

todos e cada um dos deveres e ocupações do mundo, e nas condições ordinárias de sua vida familiar e social, com as quais a sua existência está como que entrelaçada. São chamados por Deus para que, desempenhando a sua própria profissão, guiados pelo espírito evangélico, contribuam na santificação do mundo a partir de dentro, como fermento' (LG, 31).

É precisamente esta a idéia que queremos expressar, quando falamos do compromisso que o membro do Regnum Christi tem de iluminar as coisas deste mundo com luz do Evangelho: 'O cristão, em virtude de sua participação na realeza de Cristo, deve trabalhar ardente e esforçadamente pela renovação da ordem do mundo criado, ordenando todas as realidades temporais, segundo o desígnio de Deus, ao verdadeiro fim do homem, até o advento, possível nesta terra, desse Reino de santidade e de vida, de verdade e de graça, de justiça, de amor e de paz'.

Mas o Reino de Cristo não se identifica simplesmente com a 'ordenação dos assuntos temporais de acordo com Deus'. O Reino de Cristo comporta a aceitação da pessoa de Jesus Cristo e da livre submissão ao seu domínio. Lutar para estender este Reino e anunciar Jesus Cristo aos homens, para que seja conhecido, amado e seguido por eles. É por isso que o membro do Movimento concebe a sua vida e a sua passagem pela terra como uma missão: 'Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça...'. E é significativo que esta exortação de Jesus se encontre no contexto de um ensinamento sobre a necessidade de confiar na providência de Deus, sem nos inquietarmos pela comida e pela vestimenta de amanhã. Por isso, junta: 'e tudo o mais vos será acrescentado' (Mt 6,33).

A vida, assim concebida como uma missão, adquire para o membro do Regnum Christi um caráter apostólico peculiar, marcado pelo sinal da luta e da militância, que nasce da urgência de fazer o Reino de Cristo chegar a todos os homens que ainda não o conhecem ou não o aceita. Cada um de vocês deveria sentir no coração este santo ardor que tanto instigava o coração de São Paulo, e o fazia lançar-se a todas as aventuras imagináveis com o objetivo de anunciar a Cristo: 'Pregar o Evangelho não é para mim nenhum motivo de glória; é um dever que me é incumbido. E aí de mim se não pregar o Evangelho!' (1Cor 9,16).

Esta urgência de anunciar e estender o Reino constitui, em última instância, o motivo que dá sentido à existência do Regnum Christi. De algum modo se pode dizer que, a partir da sua incorporação, cada membro do Movimento reencontra o sentido da sua existência nesse desejo de se gastar e desgastar pela causa mais nobre, pela qual vale a pena empenhar a vida inteira. Vocês são pelo Reino e para o Reino. Seu tempo rende diante de Deus, na medida em que o investirem pelo Reino e para o Reino.

E não é que o Movimento pretenda ser possessivo e invasor de suas vidas; nem sequer se pode dizer que o Movimento acrescenta essencialmente compromissos novos, já que ele se mostra tão somente como uma forma, das muitas que existem na Igreja, para realizar a vida cristã. É a própria vida cristã que comporta, ela sim, na sua medula e na sua essência, o compromisso de anunciar o Evangelho a todos os homens. Por isso dizemos que 'o apostolado é a melhor forma de dar sentido à vida, e de ir colocando os fundos da vida no banco da eternidade, como uma taxa de juros eterna. Ninguém pode dizer com honestidade que não tem tempo para ser apóstolo, porque é como se dissesse que não tem tempo para ser cristão. Ninguém pode dizer que não pode dar nada, sem ser injusto com Deus. Ninguém pode dizer que já é demais o apostolado que faz, porque ser apóstolo é uma atitude vital, que deve aflorar em todo momento, lugar e circunstância'.

O que é que o Regnum Christi oferece aos seus membros, então, para desenvolverem a sua vocação de apóstolos cristãos? Uma espiritualidade, uma organização, uma metodologia, e certas obras de apostolado concretas. Mas o que aqui interessa salientar com todo o vigor, é essa marca característica que define o perfil do homem do Reino maduro, plenamente consciente de sua origem, de sua missão e do seu destino: a militância.

Militância que não tem nada a ver com atitudes fanáticas de caráter político, revolucionário, e nem sequer religioso. Militância que é, melhor dizendo, um estilo de adesão pessoal a Jesus Cristo, e um esforço comprometido, de trabalhar na extensão do seu Reino: 'o Movimento Regnum Christi chama os seus membros de militantes, querendo denominar assim cristãos convictos e coerentes, que busquem a identidade entre o que crêem e o que vivem, que se sintam comprometidos em dar razão de sua fé; e que se sirvam eficazmente dos meios que o Movimento lhes oferece para fazer frutificar os talentos concretos com que o Senhor os enriqueceu, para o bem da Igreja e do próprio Movimento'.

O apóstolo militante, que o Movimento quer formar em cada um de vocês, é este homem convencido de que o mundo precisa de Cristo, e de que Cristo precisa dele para chegar ao mundo. Esse homem que sabe dar o melhor de si mesmo, e põe a serviço da Igreja os seus dons, o seu tempo e a sua pessoa. É esse homem imbuído profundamente pela caridade de Cristo para com a humanidade, e que se esforça para estar permanentemente em atitude de serviço, e se entregar sem cálculos ao trabalho por Cristo e pelo seu Reino. É esse homem que transforma tudo em instrumento e em meio para dilatar o Reino, que busca e aproveita as oportunidades, que faz de sua vida ordinária na família, na universidade, no trabalho, um exercício contínuo de apostolado, que não descansa até fazer com que todas as pessoas ao seu redor conheçam e vivam o Evangelho de Jesus Cristo. É esse homem que tornou muito seu o denso significado do nome 'Regnum Christi': 'a decisão de se dedicar de corpo e alma a fazer chegar a todos os cantos do mundo o conhecimento e o amor de Jesus Cristo, Filho de Deus, Caminho, Verdade e Vida para o homem; o esforço de impregnar com o espírito evangélico as mais diversas realidades da existência humana, tais como a família, o trabalho, a alegria, a dor, a convivência, o uso dos bens materiais, o descanso...; a solicitude em semear, onde quer que seja, os valores do novo Reino: a caridade, a bondade de coração, a justiça, a verdade, a paz com Deus e com os homens, o respeito, o perdão, o empenho em trabalhar denodadamente para que o maior número de seres humanos

seja, já nesta terra, membros desse Reino que nunca terá fim; a busca da promoção, em todas as suas obras e atividades, do crescimento do homem interior pela fé e pela união com Deus'.

Apóstolo militante será, portanto, aquele que dá, não uma parte do seu tempo, mas toda a vida pela causa do Reino. E isto não significa que só quem opta por uma vida de consagração a Deus pode ser um verdadeiro apóstolo. O que eu quero dizer é que todos vocês, homens e mulheres do Movimento, foram chamados a imprimir à sua existência inteira, seja qual for o seu estado, condição e ocupação, uma dimensão eminentemente apostólica, rejeitando com energia toda forma de egoísmo, preguiça ou pusilanimidade. Deste modo, o seu tempo, o curto tempo que Deus lhes deu, produzirá frutos para a eternidade que os aguarda. E o plano de Deus, de que somos tão somente elos, continuará se efetivando e alcançando fronteiras cada vez mais dilatadas.

Quais são, então, as ocupações concretas em que vocês deverão gastar as suas horas e os seus dias? Parece-me uma pergunta crucial, e espero que todos queiram fazê-la e respondê-la na presença de Deus Nosso Senhor, o dono dos talentos que vocês administram.

Vocês, antes de tudo, devem dedicar o tempo necessário para atender os deveres próprios do seu estado, procurando realizá-los com a máxima perfeição, por amor a Jesus Cristo. Aqui começam a devoção e o apostolado. O jovem, que se dedique aos seus estudos com responsabilidade. A mãe de família, que cuide da casa com esmero; se trabalhar, que o faça com seriedade, assegurando, contudo, que as suas saídas do lar não vão implicar em prejuízo na formação dos filhos. O profissional, o empresário, o político, ajam com o sentido cristão da sua responsabilidade social. Lembrem-se que a sua condição de seguidores de Cristo os compromete a uma entrega séria, profissional, às suas atividades cotidianas. E procurem, como já observei acima, impregnar com os valores evangélicos os diversos ambientes em que se movem.

Procurem também dar a Deus um espaço em cada dia. Ele merece o nosso louvor. E nós precisamos de sua graça. O Regnum Christi quer ajudá-los nisto, propondo-lhes alguns compromissos. Sejam generosos com Deus, e façam o possível para reservar para Ele os momentos mais nobres do seu dia a dia.

É preciso dizer uma palavra acerca dos tempos de diversão e de alegria. Sem dúvida que são necessários para manter um sadio equilíbrio interior. No entanto, muito freqüentemente se incorre em excessos impróprios e desnecessários. E não me refiro a certo tipo de espetáculos e de entretenimentos, que em seu conteúdo ou em seu abuso ofendem a Deus, e que um cristão deve descartar. Refiro-me ao fato de que alguns perdem horas ou dias na ociosidade, em conversas fiadas, e em mil frivolidades que matam o tempo e tornam estéril a vida dos homens.

Seria interessante que cada um de vocês fizesse um balanço quantitativo do tempo que dedica cada semana ou cada mês à atividades de mero entretenimento. Se depois compararem o resultado com as horas que dedicam especificamente ao apostolado, possivelmente encontrarão uma forte disparidade, e não precisamente em favor do apostolado.

Assim, chegamos ao último dos elementos fundamentais que devem preencher o seu tempo. As atividades formativas e apostólicas. Vocês as têm aí, ao seu alcance, para que, nelas e por elas, cheguem ao cumprimento da missão que Deus lhes designou nesta vida. As atividades formativas, primeiro, para capacitar-se espiritual e doutrinamente. Saibam aproveitá-las intensamente. Não fazê-las, por negligência ou falta de interesse, seria incorrer num pecado de omissão. Participem ativamente e pontualmente dos Encontros com Cristo, nos círculos de estudo, na direção espiritual, nos retiros, nos cursos que o Movimento lhes oferece. Tudo isto irá cumulando o seu espírito e a sua mente para o seu próprio benefício pessoal, e para ter algo a comunicar aos outros.

As atividades apostólicas que vocês podem desenvolver no Movimento são bastante variadas. A primeira de todas, é procurar fazer com que outras pessoas se beneficiem dos meios espirituais, formativos e apostólicos, dos quais vocês dispõem, para que elas vivam e façam viver com maior autenticidade a sua vida cristã no seio da Igreja. Se vocês realmente vivem com o desejo de fazer crescer o Reino, e de fazer chegar o anúncio do Evangelho a mais pessoas, ofereçam aos outros o que vocês já têm, aproveitando com zelo todos os seus contatos. Aqui é que se mede a verdadeira militância dos apóstolos do Reino. Se a necessidade que os homens têm de luz lhes diz algo, então procurem, por todos os meios, ganhar novos apóstolos para a causa de Jesus Cristo.

Há também as diversas obras de apostolado que o Movimento suscita, e as que vocês mesmos, individualmente ou por equipes, queiram propor para o bem da Igreja. Trabalho há, abundante e para todos. Só o que faz falta são corações que vibrem com as necessidades da Igreja e da humanidade, braços generosos que queiram colaborar, almas lutadoras, dispostas a entregar o seu tempo.

Uma forma muito fecunda de trabalhar na extensão do Reino de Cristo consiste em pôr o seu trabalho profissional a serviço de alguma instituição eclesial ou particular, que vise, em si mesma, um objetivo apostólico ou de serviço. Vocês têm, somente para mencionar exemplos ao seu alcance, as obras de apostolado do Regnum Christi: colégios, universidades, escola da fé, meios de comunicação social, etc., etc. Deste modo, o que para a maioria é um simples meio para o sustento familiar, para vocês pode se transformar também num trabalho apostólico específico. Existe maneira melhor de investir os talentos que vocês receberam de Deus?

Falando da entrega do seu tempo ao trabalho apostólico, quero formular, uma vez mais, o convite a todos os

membros do Regnum Christi, especialmente às seções de jovens, a dar dois anos inteiros de sua vida ao serviço do Reino. Vocês não imaginam o enorme bem que poderíamos estar fazendo à Igreja e à humanidade, se cada ano pudéssemos dispor de 500 ou 600 jovens - e no futuro, 2000 ou 3000 - para levar adiante apostolados de longo alcance. Dois anos entregues a Cristo, comparados com os 60, 70 ou 80 que Deus lhes pode dar, são realmente poucos. Não constituem nem 3% de sua vida. Todos os que quiseram ser generosos, e já deram a Cristo essa pequena porção do seu tempo, podem dizer como foram fecundos e enriquecedores para eles esses dois anos a serviço do Reino. Mas talvez seja mais importante conseguir uma boa colocação, do que fazer algo por Cristo... Saberemos na eternidade.

Por último, e referindo-me também aos jovens, não tenham medo de enfrentar com honestidade, se lhes for apresentada, a questão da entrega da totalidade do seu tempo à pregação e à extensão do Reino. É lógico que Cristo chama alguns de vocês a consagrarem a sua vida dentro do Movimento. Sejam generosos para estudar o chamado, e para segui-lo com coragem. Vejam o exemplo dos apóstolos, de Pedro, de João, de Mateus: um belo dia o Senhor passou diante deles, olhou-os, amou-os, chamou-os. E eles, diz textualmente o Evangelho, 'deixando tudo, naquele momento, O seguiram'.

Não tenham medo de que Cristo lhes manifeste um amor especial. O chamado à vida consagrada é um dom que não tem preço. E o mundo e a Igreja têm necessidade do testemunho e da oblação generosa daqueles que o Senhor chama. Disse o Papa, em sua mensagem para a III Jornada Mundial de Oração pelas Vocações: 'Queridos jovens: Deixem-se interpelar pelo amor de Cristo. Reconheçam a sua voz, que ressoa no templo do seu coração. Acolham o seu olhar luminoso e penetrante, que abre os caminhos de sua vida aos horizontes da missão da Igreja, empenhada, hoje mais do que nunca, em ensinar às almas fiéis as inefáveis riquezas da caridade de Cristo. (...) Jovens, ajudem a Igreja a conservar jovem o mundo'. Se a vida é o tempo no qual o homem constrói sua eternidade, haverá maneira melhor de empregar a vida, do que consagrá-la a ajudar os outros homens a encontrar a vida eterna?

Antes de colocar o ponto final, gostaria de trazer mais uma reflexão que, de algum modo, se depreende do que dissemos até aqui. A condição de temporalidade, na qual a vida humana se desenvolve, coloca-nos, quase que por necessidade, num contato contínuo com o mistério da dor, do sofrimento, e, em última instância, da morte. Isto é algo que palpamos de imediato. Nem é preciso explicitar demasiadamente. A morte se aproxima de nós a cada passo. A despeito da perpétua evasão em que muitos parecem viver, sabemos que ela nos aguarda em alguma curva do caminho. As aflições e os desgostos, que às vezes nos fazem chorar, não são mais do que o anúncio desse término, que nos abre a porta em direção à eternidade.

De que forma um cristão assume o mistério da dor e da morte? Esta tem sido a pedra de escândalo de todas as filosofias e ideologias que desconhecem a revelação do cristianismo. Sem a luz da fé, a mente humana tem fracassado sempre que quer achar uma solução. Desde a áspera resignação dos estoicos, até a angústia vital dos existencialistas, as respostas têm ficado pequenas demais para coração do homem, que anseia uma esperança, para além das evidências empíricas.

Quem crê, sabe que o sofrimento humano também foi remido pela cruz de Jesus Cristo. E sabe que esta cruz, sem eliminar a dor, eleva-a, dá-lhe um sentido, confere-lhe um valor altíssimo, nada menos do que o valor da redenção, pois é uma participação na Paixão e morte do próprio Jesus Cristo. 'Tudo suportou pelos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação: Se morrermos com ele, também viveremos com ele; se nos mantemos firmes, também reinaremos com Ele' (2Tm 2,10-12).

Enquanto que muitas crenças, ideologias, projetos políticos, sociológicos ou psicológicos, e até mesmo a ciência médica prometem em vão ao homem a supressão da dor, a revelação cristã mostra que a dor, apesar da sua paradoxal consistência, é também um caminho de humanização e elevação da pessoa. Não o engana com falsas promessas. E, em troca, lhe dá a constância e a fortaleza de que precisa para levar com alegria, e não com resignação, as fadigas do caminho.

A esperança teologal, e a certeza de que esta curta vida culmina na felicidade eterna, são para o cristão precisamente uma fonte de consolo e fortaleza: 'Pois tenho em conta que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que se há de manifestar em nós' (Rom 8, 18). 'Por isto não nos deixamos abater. Pelo contrário, embora em nós o homem exterior vá caminhando para sua ruína, o homem interior se renova dia após dia. Pois as nossas tribulações momentâneas são leves, em relação ao peso eterno da glória que elas nos preparam em abundância. Não olhemos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, pois o que se vê é temporário, mas o que não se vê é eterno' (2Cor 4,16-18).

Gostaria que os membros do Regnum Christi, animados por uma esperança teologal gozosa e profunda, fossem realmente, no mundo secularizado de hoje, um testemunho radiante de que, além da cortina da morte, existe uma vida eterna, cuja posse justifica todas as penúrias e desgostos desta vida. Que não haja entre vocês ranços de amargura ou de tristeza. Que saibam, pelo contrário, oferecer a todos os que os rodeiam, uma palavra firme de conforto e de esperança na hora da tribulação.

Ainda me atrevo a mais. Que o seu amor a Jesus Cristo, e o seu desejo de se unir a Ele definitiva e eternamente, sejam tão intensos, que experimentem como São Paulo o desejo de sofrer por Ele. E não somente isso: que vocês sintam essa divisão interior de querer, por um lado lutar todo o tempo possível para anunciar e estender o Reino de

Cristo, e por outro - suma loucura dos santos - que os abrace a ânsia de já chegar à meta final, ali onde a contemplação do rosto de Deus, sem véus nem mistérios, gera a felicidade suprema e eterna. Se isto é uma loucura, será forçoso dizer que o cristianismo não é para os sãos. E, em consequência, tampouco o Regnum Christi. Além disso, São Paulo não dizia também que o Cristo em quem cremos, crucificado e morto por nós, é 'escândalo para os judeus, loucura para os gentios'? Deus os livre da sensatez deste mundo.

Tomara que, queridos homens e mulheres do Regnum Christi, o Senhor lhes conceda a sua luz, para prolongar em seus corações as reflexões que iniciei nesta carta. Que Ele lhes dê a sua graça para que tenham a coragem de decidir coerentemente que rumo e que conteúdo vocês querem dar aos anos de vida que têm pela frente. Tomara que as suas vidas não sejam meteoritos fugazes, que rasgam somente por um instante a escuridão da noite. Que 'Brilhem como tochas neste mundo, mostrando aos homens a Palavra da Vida'. E, ao chegar à glória eterna, recebam a 'herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus a vós, a quem o poder de Deus, por meio da fé, protege para a salvação, disposta já a ser revelada no último momento'.

Com a minha renovada gratidão pelas suas lembranças e orações, subscrevo-me, atenciosamente em Jesus Cristo.

Pe. Marcial Maciel, LC

© Copyright Legionários de Cristo